

Edwin Arnold

A LUZ DA ÁSIA

info@almadoslivros.pt
www.almadoslivros.pt
facebook.com/almadoslivrospt
instagram.com/almadoslivros.pt

A presente edição segue a grafia do novo
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

© 2017

Direitos desta edição reservados
para Alma dos Livros

Título: *A Luz da Ásia*

Título original: *The Light of Asia*

Autor: Edwin Arnold

Tradução: Susana Fonseca

Revisão: Joaquim E. Oliveira

Paginação: Miguel Antunes

Capa: Duarte Lázaro/Alma dos Livros

Imagem de capa: Sybille Sterk/Arcangel

Impressão e acabamento: Multitipo – Artes Gráficas, Lda.

ISBN: 978-989-99705-6-4

Depósito legal:

1.ª edição: abril de 2017

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada
ou reproduzida em qualquer forma sem permissão
por escrito do proprietário legal, salvo as exceções
devidamente previstas na lei.

Edwin Arnold

A LUZ DA ÁSIA

Tradução de
Susana Fonseca

Introdução

Tentei pintar neste livro, através de um devoto budista imaginário, a vida e o carácter, bem como a filosofia, deste nobre herói reformador, o príncipe indiano Gautama, fundador do budismo.

Na Europa, a geração anterior não sabia nada ou quase nada sobre esta grande religião da Ásia, que, contudo, existe há vinte e quatro séculos e supera agora, pelo número dos seus fiéis e pela extensão dos países onde reina, qualquer outra forma de crença. Quatrocentos e setenta milhões de pessoas vivem e morrem sob a doutrina de Gautama, e o domínio espiritual deste antigo Mestre estende-se atualmente ao Nepal, ao Sri Lanka, a toda a península do Extremo Oriente, à China, ao Japão, ao Tibete, à Ásia Central, à Sibéria e até à Lapónia sueca. A própria Índia poderia, com justiça, estar compreendida no magnífico império desta Fé, porque, embora a prática do budismo tenha desaparecido quase totalmente do seu país natal, a marca do ensino sublime de Gautama está

impressa de forma indelével no bramanismo moderno, e os hábitos e convicções mais característicos dos Indianos provêm evidentemente da benigna influência dos preceitos de Buda. Mais de uma terça parte da Humanidade deve as suas ideias morais e religiosas a este ilustre príncipe, cuja personalidade, embora revelada de um modo imperfeito pelas fontes de informação disponíveis, nos é revelada, no entanto, como a mais elevada, mais amável, mais santa e mais benéfica (salvo uma única exceção) na história do pensamento. Os livros budistas, por mais que estejam em desacordo sobre determinados detalhes e cheios de alterações, de invenções e de erros, concordam neste ponto: em não relatar nada – nem um ato, nem uma palavra – que manche a perfeita pureza e a ternura deste mestre indiano, que uniu as melhores qualidades de um príncipe, a inteligência de um sábio e a devoção apaixonada de um mártir. Por isso, Jules Barthélemy-Saint-Hilaire, embora tenha interpretado de maneira completamente errónea certos pontos do budismo, com justa razão é citado pelo professor Max Müller, quando diz do príncipe Siddhartha: «A sua vida não tem qualquer mancha. O seu constante heroísmo iguala a sua convicção; e se a teoria que preconiza é falsa, os exemplos pessoais que dá são irrepreensíveis. É o modelo acabado de todas as virtudes que prega. A sua abnegação, a sua caridade, a sua inalterável doçura não se desmentem nem por sombras... Prepara silenciosamente a sua doutrina com seis anos de retiro e de meditação, propaga-a apenas pelo poder da palavra e da persuasão durante mais de meio século, e quando morre nos braços dos seus discípulos, fá-lo com a serenidade de um sábio que praticou o bem durante toda a sua vida e tem a certeza de ter encontrado

a verdade.» Gautama teve o privilégio de realizar esta prodigiosa conquista da Humanidade; e – por mais que desaprovasse o ritual, conforme ele próprio declarou até no limiar do Nirvana, de ser apenas o que o resto dos homens podiam chegar a ser – o amor e a gratidão da Ásia, desobedecendo aos seus preceitos, prestaram-lhe um culto fervoroso. Diariamente espalham-se braçadas de flores nos seus puros altares e milhares de lábios repetem todos os dias a fórmula: «Refugio-me em Buda!»

O Buda deste livro, se, como não há dúvida, existiu realmente, nasceu nas fronteiras do Nepal cerca de 620 anos antes de Cristo, e morreu por volta do ano 543 em Kusinagara, na província de Oudh. Portanto, do ponto de vista da idade, muitas outras crenças são recentes se forem comparadas com esta religião venerável, que contém a eternidade de uma esperança individual, a imortalidade de um amor infinito, uma fé indestrutível no bom fim e na mais elevada afirmação jamais professada da liberdade humana. As extravagâncias que desfiguram os anais e o culto do budismo devem ser atribuídas à degradação inevitável a que os sacerdotes sujeitam sempre as grandes ideias que lhes são confiadas. O poder e a sublimidade das doutrinas originais de Buda devem ser apreciados pela sua influência, não pelos seus intérpretes nem por esta Igreja ingênua, mas indolente e cerimoniosa, que se elevou sobre os alicerces da Sangha, ou fraternidade budista.

Pus a minha escrita na boca de um budista, porque para apreciar o espírito dos pensamentos asiáticos é preciso situarmo-nos num ponto de vista oriental, e porque não poderiam ter sido reproduzidos de um modo mais natural nem os milagres que consagram esta história nem a

filosofia que ela encerra. A doutrina da transmigração, por exemplo, que não agrada aos espíritos modernos, tinha-se estabelecido e era universalmente aceite pelos Indianos no tempo de Buda, na época em que Nabucodonosor tomou Jerusalém, Nínive caiu nas mãos dos Medas e os Focenses fundaram Marselha.

A exposição que realizei sobre este antigo sistema é necessariamente incompleta e, de acordo com as leis da arte literária, reflete rapidamente sobre matérias muito importantes do ponto de vista filosófico, bem como sobre a longa carreira de Gautama. Mas atingi o meu objetivo se consegui dar uma ideia justa do sublime carácter deste nobre príncipe e do sentido geral das suas doutrinas. Em relação a estas, foi suscitada uma prodigiosa controvérsia entre os eruditos; devo prevenir-vos de que peguei nas citações budistas imperfeitas, tal como se encontram na obra de Spence Hardy, e que modifiquei igualmente mais de uma passagem nos relatos comuns. Porém, as definições que dou aqui do *Nirvana*, do *Dharma*, do *Karma* e de outros pontos essenciais do budismo são, pelo menos, fruto de estudos consideráveis, e também da firme convicção de que um terço da Humanidade nunca teria chegado a acreditar em abstrações vazias e no Nada como fim e coroação do Ser.

Para terminar, venerando o ilustre propagador deste *A Luz da Ásia* e prestando homenagem a todos estes sábios eminentes que consagraram nobres trabalhos à sua memória e que têm mais tempo e mais espaço do que eu, peço que me perdoem pelos erros do meu estudo demasiado precipitado. Foi feito nos curtos intervalos de dias muito ocupados, mas está inspirado num vivo desejo de ajudar

o Oriente e o Ocidente a conhecerem-se melhor. Chegará o momento, espero, em que este livro e o meu *Cântico dos Cânticos Indiano*, bem como os meus *Idílios Indianos*, salvarão a memória de alguém que amou a Índia e os povos indostânicos.

Edwin Arnold

 **LIVRO PRIMEIRO** 

I

O nascimento e a juventude do príncipe Siddhartha

A *Escritura do Salvador do mundo, o Senhor Buda – chamado na Terra o príncipe Siddhartha –, incomparável sobre a Terra, nos Céus e nos Infernos, honrado por todos, o mais sábio, o melhor, o mais compassivo; aquele que ensinou o Nirvana e a Lei.*

Foi assim que nasceu de novo entre os homens. Sob a esfera mais elevada estão estabelecidos os quatro Regentes que governam o nosso mundo; e abaixo deles encontram-se as zonas mais próximas, elevadas, porém, onde os espíritos dos santos defuntos esperam três vezes dez mil anos, e depois regressam à vida. E sobre o Senhor Buda, esperando em tal céu, caíram para nossa felicidade os sinais inequívocos do nascimento, de modo que os *devas*¹ compreenderam os sinais e disseram:

– Buda irá de novo salvar o mundo.

¹ Divindades regentes da natureza.

– Sim – disse –, agora vou salvar o mundo, e esta será a última vez; porque, daqui em diante, o nascimento e a morte terminam para mim e para os que aprendam a minha Lei. Vou descer entre os *Sakyas*, ao sul do nevado Himalaia, onde vivem um povo piedoso e um rei justo.

Nessa noite, a esposa do rei Suddhodana, a rainha Maya, a dormir ao lado do seu senhor, teve um sonho estranho; sonhou que uma estrela do céu esplêndida, com seis raios e cor rosada de pérola, sobre a qual se via um elefante armado com seis dentes e branco como o leite de *Kamadbuk*², atravessava o espaço, e, brilhando nele, penetrava no seu seio do lado direito. Quando acordou, uma felicidade sobre-humana enchia o seu peito, e sobre metade da Terra uma luz deliciosa precedeu a aurora. As poderosas montanhas estremeçeram, as ondas apaziguaram-se, todas as flores, que se abrem ao calor da manhã, rebentaram como se fosse pleno meio-dia, e nos mais remotos infernos a alegria da rainha passou como o Sol ardente que lança um raio de ouro nos bosques densos; e em todas as profundezas correu um terno murmúrio que dizia:

– Oh, sim! Os mortos que não de viver, os vivos que morrem, levantam-se, ouvem e esperam! Buda chegou!

Uma grande paz também se estendeu pelos limbos inumeráveis, o coração do mundo palpitou, e um vento de doçura desconhecida soprou sobre as terras e os mares. E quando chegou a manhã e tudo isto foi referido, os velhos áugures de cabelos grisalhos disseram:

– O sonho é bom, Caranguejo está alinhado com o Sol; a rainha vai ter um filho, ou menino divino, dotado de

² Deusa de forma bovina descrita no hinduísmo como a mãe de todas as vacas. O seu leite é ilimitado.

ciência maravilhosa, útil a todos os seres, que libertará os homens da ignorância, ou, se se dignar fazê-lo, governará o mundo.

Foi assim que nasceu o santo Buda: ao terminar a sua gravidez, a rainha Maya estava na hora da sesta nos jardins do palácio, à sombra de uma árvore chamada *palsa*, de tronco robusto, direito como a coluna de um templo, adornado com uma coroa de folhas brilhantes e flores perfumadas; sabendo que tinha chegado o momento – porque todas as coisas o sabiam –, a árvore consciente inclinou os seus ramos flexíveis para rodear com um pequeno bosque a majestade da rainha Maya, e a terra fez brotar repentinamente milhares de flores que lhe cobriram o leito, enquanto a rocha dura fez nascer uma fonte de água cristalina que lhe serviu de banho. Então ela deu à luz, sem dor, o seu filho que tinha nas suas formas perfeitas os trinta e dois sinais do nascimento abençoado. Esta grande nova chegou ao palácio. Mas quando trouxeram o palanquim de cores brilhantes para transportar a criança para casa, os portadores foram os quatro Regentes da Terra, que desceram do monte Sumeru³ – que escrevem as ações dos homens em placas de bronze: o Anjo do Este, cujos exércitos vestidos com túnicas de prata usam escudos de pérolas; o Anjo do Sul, cujos cavaleiros, os *Kumbhandas*, cavalgam em corcéis azuis e têm escudos de safira; o Anjo do Oeste, seguido dos *Nagas*, ginetes em cavalos cor de sangue, com escudos de coral; o Anjo do Norte, rodeado dos seus *Yakshas* cobertos de ouro, em cavalos amarelos, com escudos de ouro. E estes Anjos, dissimulando o seu esplendor, desceram e pegaram

³ O monte Sumeru é uma montanha sagrada e o centro de todos os universos físicos, metafísicos e espirituais.

nas varas do palanquim, assemelhando-se aos portadores pelo seu traje e aspeto, embora fossem deuses potentes; e nesse dia os deuses passearam-se entre os homens, que os ignoravam; porque o Céu estava cheio de alegria, devido à felicidade da Terra, sabendo que o Senhor Buda tinha regressado a ela.

Mas o rei Suddhodana ignorava isto, temia presságios funestos, até ao momento em que os seus adivinhos auguraram um príncipe dominador da Terra, um *Chakravartin*⁴; tal como nasce um a cada mil anos para governar o mundo; tem sete dons: o disco divino, chamado *Chakra-ratna*⁵; a gema; o cavalo *Aswa-ratna*, valente corcel que galopa nas nuvens; um elefante branco como a neve, o *Hasti-ratna*, nascido para levar o seu rei; o ministro sagaz, o general invencível e a mulher de graça incomparável, *Isti-ratna*, mais bela do que a aurora. Durante a espera destes dons destinados ao menino maravilhoso, o rei ordenou à sua cidade que celebrasse uma grande festa; portanto, varreram-se as ruas, regando-se estas com essência de rosa; adornaram-se as árvores com lanternas e bandeiras, enquanto a multidão, alvoroçada, rodeava curiosamente os esgrimistas, os bailarinos, os jograis, os feiticeiros, os dançarinos de corda e as dançarinas de *nachcha*⁶, com calções lantejoulados, que faziam retinir alegremente os guizos dos seus pés ágeis; havia também mascarados vestidos com peles de urso ou de gamo, domadores de tigres, atletas, homens que organizavam lutas de codornizes, outros que tocavam tambores ou faziam vibrar cordas de bronze, e todos,

⁴ (Sânscrito, doravante «sâns.») Governante de grande poder. Aquele cuja carruagem roda por todos os lugares sem obstrução.

⁵ *Ratna* [sâns.], pedra preciosa.

⁶ (Indostânico, doravante «ind.») Dança popular indiana.

por ordem, divertiam o povo. Além disso, vieram mercadores de países longínquos, atraídos pela nova deste nascimento, que trouxeram ricos presentes em pratos de ouro; xailes de pelo de cabra, nardo, jade, turquesas da cor do céu crepuscular, tecidos tão finos que, mesmo doze vezes dobrados, não conseguiam velar um rosto pudoroso, cintos bordados de pérolas, madeira de sândalo, homenagens das cidades tributárias; e chamaram ao seu príncipe Savarthisiddh (aquele que faz prosperar tudo) e, para abreviar, Siddhartha.

Entre os estrangeiros, veio um santo de cabelos grisalhos, Asita, cujos ouvidos, há muito fechados aos ruídos da terra, percebiam as harmonias celestes, e, enquanto esteve em oração sob a sua árvore *bodhi*⁷, ouviu os *devas* cantar em honra do nascimento de Buda. Estava dotado de uma maravilhosa ciência, graças à sua idade e jejuns, e, quando se aproximou, tinha um aspeto tão venerável que o rei o cumprimentou, e a rainha Maya pôs os seus filhos aos santos pés do asceta; mas, quando viu o príncipe, o ancião exclamou:

– Ah, rainha, não faças tal!

Ficou prostrado e afundou oito vezes o seu rosto curtido no pó, dizendo:

– Ó menino, adoro-te! Tu és Ele! Vejo a luz rosada, as linhas das plantas dos pés, a doce marca encurvada da *Swastika*⁸, os trinta e dois sinais sagrados principais e os oitenta sinais de menor importância. Tu és Buda, tu pregarás a Lei e salvarás todos os seres que a aprenderem, mas eu não te ouvirei, porque morrerei dentro de muito pouco

⁷ Figueira Sagrada (*Ficus religiosa*). Foi sentado sob esta árvore que Siddhartha atingiu a iluminação e se tornou Buda.

⁸ Cruz equilátera, considerada sagrada e auspiciosa.

tempo; eu, que há um instante chamava a morte, contudo, vi-te. Sabe, ó rei! És a flor da nossa árvore humana que só se abre uma vez em muitas miríades de anos, mas que, quando está aberta, enche o mundo com o perfume da Ciência e o mel do Amor; da tua cepa real sai um lótus celeste. Feliz lar! No entanto, a felicidade não será completa, porque uma espada, ó rei, atravessará as tuas entranhas por causa deste menino; e tu, doce rainha, querida por todos os deuses e por todos os homens, graças a este grande nascimento, tornaste-te demasiado sagrada para sofrer durante mais tempo; e como a vida é um sofrimento, dentro de sete dias alcançarás o fim da dor.

O que aconteceu, porque, na sétima noite, a rainha Maya adormeceu sorridente e já não acordou, e passou, feliz, para o céu Trayastrinshas, no qual inumeráveis *devas* a honram e com cuidado a velam, mãe bem-aventurada. Escolheram como ama para o menino a princesa Mahaprajapati; o seu seio alimentou com nobre leite Aquele cujos lábios confortam os mundos.

Quando fez oito anos, o rei, precavido, pensou em ensinar ao seu filho o que um príncipe deve aprender, porque pretendia desviar dele o destino milagroso demasiado sublime que lhe predisseram, as glórias e os sofrimentos de um Buda. Reuniu por isso o seu Conselho de Ministros, e perguntou-lhes:

– Qual é o homem mais sábio, senhores, para ensinar ao meu príncipe aquilo que um príncipe deve saber?

Responderam todos imediatamente com voz unânime:

– Ó rei! Viswamitra é o mais sábio, o mais versado nas Escrituras e o mais apto para ensinar as artes manuais e tudo o resto.

E Viswamitra veio e ouviu as ordens; e no dia propício, o príncipe pegou nas suas tabuinhas de sândalo vermelho, cobertas de pó fino de esmeril e cujas margens estavam ornadas de pedras preciosas. Pegou também no seu estilete para escrever e, com os olhos baixos, colocou-se em frente do sábio, que lhe disse:

– Menino, escreve esta Escritura.

E ditou-lhe lentamente o mantra chamado *Gayatri*, que só as pessoas de alto nascimento devem ouvir:

*Om, tatsaviturvarenyam
Bhargo devasya dhimahi
Dhiyo yo na prachodayat.*⁹

– *Acharya*¹⁰, escrevo – respondeu docemente o príncipe.

E depressa traçou no pó, não numa língua, mas em muitos caracteres, a estrofe sagrada; escreveu-a em *nagri*, em *dakshin*, *ni*, *mangal*, *parusha*, *yava*, *tirthi*, *uk*, *darad*, *sikhyani*, *mana*, *madhyachar*, utilizando as escrituras pintadas e a linguagem dos sinais, as línguas dos homens das cavernas e dos povos do mar, dos que adornam as serpentes que vivem debaixo da terra e dos que prestam culto ao fogo e ao Sol, dos magos e dos que habitam as fortalezas; traçou uma depois de outra, com estilete, todas as escrituras de todas as nações, lendo os versos do Mestre em cada língua; e Viswamitra disse:

⁹ Só os Brâmanes podem aprender esta prece, tirada dos Vedas. É esta a tradução literal apresentada por Balfour [*Cyclopoedia of India*]: «*Om*, meditemos sobre o supremo esplendor do Sol divino, para que possa iluminar os nossos espíritos.» A palavra *om*, ou *aum*, é um mantra sagrado, composto pela gutural mais aberta A e pela labial mais fechada M reunidas pelo U, que se pronuncia transferindo o som da garganta para os lábios; é considerado o som do Absoluto, Shabda Brahman, e a semente que «fecunda» os outros mantras.

¹⁰ Mestre [sâns.].

– Isto é suficiente; passemos aos números. Repete depois de mim a tua numeração até alcançarmos o *lakh*¹¹: um, dois, três, quatro, até dez, e, de seguida, as dezenas, até às centenas e aos milhares.

Depois dele, o menino contou as unidades, as dezenas, as centenas, e não se deteve no *lakh*, mas murmurou docemente:

– De seguida vem o *koti*, o *nabut*, o *ninnabut*, *khamba*, *viskhamba*, *abad*, *attata*; depois chega-se aos *kumuds*, aos *grundhikas* e aos *utpalas*, aos *pundarikas* e, por último, aos *padumas*, que servem para contar as moléculas mais ínfimas da terra de Hastinagiri até ao pó mais fino; mas, além dessa, há outra numeração, o *katha*, que serve para contar as estrelas da noite; o *koti-katha*, que enumera as gotas de água do Oceano; *ingga*, o cálculo dos círculos; *sarvanikchepa*, através do qual se contam todas as areias do Ganges; e por fim chegamos aos *antab-kalpas*, cuja unidade é a areia de dez *crores*¹² do Ganges. Se se deseja uma escala mais vasta, a aritmética utiliza o *asankya*, que é a numeração de todas as gotas de água que caíam sobre os mundos durante uma chuva incessante de dez mil anos; por último, chegamos aos *maha-kalpas*¹³, através dos quais os deuses contam o seu futuro e o seu passado.

– Está bem – replicou o sábio –, muito nobre príncipe; se sabes isto, preciso de te ensinar a medida das linhas?

O menino respondeu modestamente:

– *Acharya*, ouve-me. Dez *paramnus* fazem um *para-suksbma*; dez destes últimos formam o *trasarene*; e sete

¹¹ 1 *lakh* = 1 000 000.

¹² 1 *crore* = 100 *lakhs*.

¹³ O *kalpa* é um dia de Brama e equivale a 4320 milhões de anos; no fim de cada *kalpa*, o Universo é reabsorvido na Divindade.

trasarenes têm o comprimento de um átomo que flutua num raio de sol; sete átomos são da grossura de um pelo do bigode de um rato, e dez destes fazem um *likhya*; dez *likhyas* um *yuca*, dez *yucas* um coração de grão de cevada, que está sete vezes contida numa cintura de vespa; chega-se desta forma ao grão de mungo e de mostarda, e ao grão de cevada, dez dos quais fazem uma articulação do dedo; doze articulações formam um palmo; depois chegamos ao cotovelo, à vara, ao comprimento do arco, da lança; vinte comprimentos de lança formam o que se chama «um sopro», que é o espaço que um homem pode percorrer sem recuperar o fôlego; um *gow* é quarenta vezes a medida precedente, quarenta *gows* formam um *yojana*, e, Mestre, se desejar, enumerarei quantos átomos há num *yojana*.

E imediatamente o jovem príncipe indicou sem se enganar o número total de átomos. Mas Viswamitra, ao ouvi-lo, prostrou-se diante do menino, exclamando:

– Tu és o Mestre dos teus Mestres; és tu, não eu, o Guru¹⁴. Oh! Adoro-te, doce príncipe, que só vieste à minha escola para me mostrares que sabes tudo sem livros e que também sabes praticar o sincero respeito.

O Senhor Buda teve este mesmo respeito por todos os seus professores, embora soubesse mais do que eles; falava de um modo agradável, embora fosse muito sábio; tinha aspeto de príncipe com maneiras doces; era modesto, deferente, tinha ternura no coração e, porém, era dotado de uma coragem intrépida; nenhum cavaleiro era mais atrevido na alegre caça às tímidas gazelas; nenhum condutor de carroça, mais hábil nas corridas que se faziam nos pátios

¹⁴ Mestre que possui um profundo entendimento filosófico.

do palácio; contudo, no meio do jogo, o menino detinha-se com frequência, deixando escapar o gamo; frequentemente abandonava uma corrida quase ganha, porque os corcéis cansados estavam sem fôlego, ou porque via os príncipes, seus companheiros nos jogos, aflitos por perderem, ou porque se apoderava dele algum pensamento profundo. E, com os anos, este carácter compassivo foi crescendo como uma árvore que sai de dois tenros rebentos e acaba por estender a sua sombra na lonjura; não conhecia a tristeza, a dor e as lágrimas; só as conhecia como nomes estranhos que se aplicam a coisas que os reis não experimentam nem nunca devem sentir. Então, num dia de primavera, no jardim real, passou um bando de cisnes selvagens que voavam para norte em busca dos seus ninhos no coração do Himalaia; os pássaros, alegres, voavam, guiados pelo amor, marcando a passagem pela parte nevada com os seus ternos gritos; e Devadatta, primo do príncipe, esticando o seu arco, disparou uma seta bem apontada que alcançou as largas asas do primeiro cisne, estendidas para deslizarem pelo livre caminho azul, de maneira que caiu atravessado pela ponta cruel, e grandes gotas de sangue escarlata mancharam as suas penas imaculadas. Ao ver isto, o príncipe Siddhartha levantou ternamente o pássaro, e apertou-o contra o seu peito, sentou-se com as pernas cruzadas, como faz o Senhor Buda, e, para acalmar o terror do animal selvagem, reparou as suas asas maltratadas, acalmou o seu precipitado coração, acariciou-o docemente com as suas mãos bondosas e leves, tersas como folhas de bananeira frescamente abertas; enquanto com a sua mão esquerda segurava o pássaro, com a mão direita tirava o aço cruel e punha folhas frescas e mel calmante

na ferida. E o menino ignorava a tal ponto o que era a dor, que apertou curiosamente a seta com a sua mão, e ficou sobressaltado ao sentir a sua ponta, e a chorar acariciou de novo o seu pássaro. Então chegou alguém que disse:

– O meu príncipe atirou contra um cisne que caiu aqui no meio das rosas, e pede-lhe que lho envies. Queres fazê-lo?

– Não – respondeu Siddhartha. – Se o pássaro tivesse morrido, o mais correto seria devolvê-lo a quem o matou; mas o cisne está vivo, o meu primo apenas trouxe a morte à celeridade divina que agitava esta asa branca.

E Devatta respondeu:

– A ave selvagem, viva ou morta, é de quem a abateu; nas nuvens, não pertence a ninguém; mas, morta, é minha. Dá-me a minha presa, primo.

Então o nosso Senhor oprimiu contra a sua terna face o pescoço do cisne e disse gravemente:

– Digo-vos que não! O pássaro é meu: é a primeira das miríades de coisas que me pertencerão pelo direito da piedade e da onipotência do amor. Porque agora sei, pelo que se agita em mim, que ensinarei a compaixão aos homens e serei um intérprete do mundo que não pode falar, e reduzirei o fluxo maldito da dor universal. Mas se o príncipe contestar, que submeta o caso aos sábios, e esperaremos a sua decisão.

Assim se fez; o assunto foi discutido em pleno *divan*¹⁵; uns tinham uma opinião e outros, outra, quando apareceu um sacerdote desconhecido que disse:

– Se a vida vale alguma coisa, o salvador de uma vida possui mais o ser vivo do que o que tentou matá-lo.

¹⁵ Conselho de Ministros.

O matador estraga e destrói, o protetor socorre; deem-lhe o pássaro.

Todos acharam este julgamento acertado; mas quando o rei procurou o sábio para honrá-lo, este tinha desaparecido, e alguém viu uma cobra-capelo que deslizava para fora. Os deuses aparecem com frequência com esta forma! Foi assim que o Senhor Buda começou a sua obra de misericórdia.

No entanto, não conhecia outra dor que não a do pássaro que, curado, se levantou jubilosamente para ir ter com os seus.

Mas noutro dia o rei disse:

– Vem, meu querido filho, e observa o encanto da primavera, e como a terra fecunda está desejosa de produzir as suas riquezas para o ceifeiro; como o meu reino, que será o teu quando a pira se incendiar para mim, alimenta todas as suas bocas e enche o cofre do rei. A estação é bela no seu adorno de folhas novas, de flores ostentosas e de erva verde; ouve os gritos alegres dos lavradores.

Caminhava assim através de uma região de fontes e jardins, contemplando os bois que percorriam os férteis pousios esticando os seus pescoços robustos sob o jugo opressor; a terra fecunda brotava e enrolava-se em compridas ondas suaves atrás do arado, e o lavrador apoiava os dois pés na relha para tornar o sulco mais profundo. Entre as palmeiras borbulhantes murmuravam regatos, e a terra feliz bordava as suas margens de balsaminas e erva-cidreira de folhas barbadadas. Por outro lado, havia semeadores que iam regando a semente; e todo o juncal ria, com as canções nos ninhos, e todo o mato estremeia com a vida de seres minúsculos – o lagarto, a abelha, o

escaravelho e todos os animais que se arrastam, porque estavam alegres com a primavera. Nos ramos das mangueiras brincavam os colibris; sozinho na sua forja verde, o barbudo-de-peito-vermelho trabalhava ruidosamente; os abelharucos de bico curvo perseguiram as borboletas violeta; mais à frente, os esquilos listrados caçavam; os mainás, emproando-se, saltitavam; as nove irmãs morenas chilreavam nos sarçais; o gato-montês, colorido, comedor de peixes, estava à espreita na margem do lago; as pequenas garças caminhavam pacificamente entre os búfalos; os milhafres esvoaçavam no ar dourado; perto do templo de cores brilhantes voavam os pavões; as pombas arrulhavam em cada muro; à distância ressoavam os tambores da cidade para uma festa nupcial; todas as coisas falavam de paz e de abundância, e o príncipe via-as e regozijava-se. Mas, ao contemplar o fundo das coisas, viu os espinhos que cresciam sob esta rosa da vida; viu que o camponês tisonado ganha o seu salário com o suor da sua testa, sofrendo para ter o direito de viver; que fustigava os bois de grandes olhos nas horas ardentes, aguilhoando os seus flancos felpudos; deu-se conta de que o lagarto come a formiga; e o milhafre, aos dois, e que o falcão-pescador rouba ao gato-montês a presa que este possuía; viu a pega a perseguir o rouxinol que caçava borboletas cheias de cores; de modo que cada um dava morte a um matador, e por sua vez era morto, vivendo a vida da morte. De modo que o espetáculo encantador escondia uma vasta, selvagem, horrível, conspiração de assassinato mútuo, desde o verme até ao homem, que também matava o seu semelhante. Ao ver isto – o lavrador esfomeado e os seus bois esfolados pelo jugo cruel, e esta raiva de viver

que conduzia todo o ser vivo ao combate –, o príncipe Siddhartha suspirou:

– É esta – disse – a terra feliz que me mostraram? Quanto sal com o pão doce do camponês! Que dura é a servidão dos bois! Como é feroz a guerra do fraco contra o forte no mato! Quantas conspirações há no ar! Nem sequer um refúgio na própria água! Retirem-se um pouco, para um lugar separado, e deixem-me refletir sobre aquilo que me fizeram ver.

Ao falar assim, o bondoso Senhor Buda sentou-se debaixo de uma árvore, com as pernas cruzadas, tal como as estátuas santas, e pela primeira vez meditou sobre o mal profundo da vida, a sua origem longínqua e o seu possível remédio. Encheu-se de uma piedade tão vasta, de um amor tão grande pelos seres vivos, de uma tal ânsia de aliviar a dor, que, pela sua potência, o seu real espírito caiu em êxtase; e, emancipada da mancha mortal da sensação e da personalidade, a criança alcançou então o *Dhyana*, que é o primeiro passo no «caminho».

Nesse momento, muito alto nos ares, voavam cinco Espíritos, cujas livres asas vacilaram quando passaram por cima da árvore:

– Que poder superior nos detém no nosso voo? – disseram, porque os Espíritos percebem toda a força divina e reconhecem a presença sagrada de um ser puro.

Então, quando olharam para baixo, viram o Buda coroado de uma auréola rosada, a pensar em salvar os seres; entretanto, do arvoredo exclamou uma voz:

– *Rishis!*¹⁶ Aqui está aquele que salvará ao mundo; descei e honrai-o.

¹⁶ «Videntes» ou «sábios», detentores de verdades e conhecimentos eternos.

Então os santos ilustres aproximaram-se e cantaram um hino de louvor dobrando as asas; de seguida continuaram o seu caminho e levaram boas novas aos deuses.

Mas alguém, encarregado pelo rei de procurar o príncipe, encontrou-o a meditar, embora já passasse do meio-dia e o Sol se precipitasse para os montes do Oeste; no entanto, enquanto todas as sombras se moviam, só a da árvore permanecia imóvel, cobrindo Buda, para que os raios oblíquos não ferissem a sua augusta cabeça, e quem viu este espetáculo ouviu uma voz que dizia, entre as flores das macieiras rosadas:

– Deixa em paz o filho do rei; enquanto a sombra não sair do seu coração, a minha permanecerá imóvel.

